

A Linguista

*Pérsia, Gula Hek, a estância de verão
da Missão Diplomática Britânica, 18 de junho de 1892,
carta para o seu primo Horace Marshall*

... Não será incrivelmente revigorante para o espírito estar deitada numa rede pendurada entre os plátanos de um jardim persa a ler os poemas de Hafiz — no original, atenção! —, num livro curiosamente encadernado em couro estampado e comprado nos bazares? É assim que passo as minhas manhãs aqui; um riacho passa por mim a murmurar, guiado por jardineiros, que com pás de longos cabos vão traçando pequenos canais até aos canteiros de flores em redor. O dicionário que também se encontra na minha rede não é tão poético como os outros elementos — escondamo-lo pois debaixo dos saíotes de musselina!

Estou a aprender persa, não com grande energia, aqui nada se faz com energia. O meu professor é um senhor de idade encantador, com os olhos brilhantes e um turbante branco, que percebe tão pouco de francês (o francês é o nosso meio de comunicação) que nem me consegue traduzir os poetas nem explicar quaisquer dificuldades gramaticais. Não obstante, damo-nos incrivelmente bem e passamos muito do nosso tempo em longas discussões fi-

losóficas, eu em francês e ele em persa. O ponto de vista dele faz lembrar o de um Gibbon oriental...

Londres, 14 de fevereiro de 1896

O meu pândita ficou muito satisfeito comigo, felicitando-me inúmeras vezes pela minha proficiência na língua árabe! Penso que os seus outros alunos devem ser mesmo aselhas. É extraordinariamente interessante ler o Corão com ele — e trata-se de facto de um livro magnífico!

Londres, 24 de fevereiro de 1896

O meu pândita devolveu-me os meus poemas ontem — está muito satisfeito com eles... o árabe lá vai andando — em breve deverei conseguir ler *As Mil e Uma Noites* só por prazer.

Jerusalém, dezembro de 1899

Prefiro fazer isto a estar em Londres, vale muito mais a pena no geral. Lamento, mas é impossível fazer-se tudo e prefiro mil vezes estar a aprender árabe a qualquer outra coisa no mundo.

... Não sei se alguma vez falarei árabe, mas continuo a esforçar-me na esperança de desgastar a Providência com a minha persistência...

O nome do meu professor é Khalil Dughan e... aprendi mais sobre pronunção esta manhã do que nunca... Quando não há aula, trabalho sozinha todas as manhãs durante quatro horas — a aula dura apenas hora e meia. Tenho aula três manhãs e três tardes por semana. Só agora começo a compreender um pouco

do que ouço e a dizer coisas simples aos criados, mas é terrivelmente difícil. A pronúncia vai além das palavras, nenhuma garganta ocidental está preparada para formular estes sons guturais tão extraordinários...

Diz-me o meu criado: “A água quente está pronta para a Sua Presença.” “Entra e acende a vela”, digo-lhe. “Na minha cabeça”, respondeu-me ele... Quer dizer que está na hora de me vestir.

Jerusalém, 11 de janeiro de 1900

... A língua é muito difícil [e] há pelo menos três sons quase impossíveis para a garganta europeia. O pior parece-me ser um H muito aspirado. Só o consigo pronunciar se baixar a língua com o dedo, mas não se pode ter uma conversa com o dedo enfiado pela garganta abaixo, não é verdade?...

Levei o Ferideh¹ a dar um passeio de carro... e falei muito mal árabe, o que me deixou desanimada. No entanto, não há outra coisa a fazer se não continuar a esforçar-me. Aproveito para referir que existem cinco palavras para “muro” e 36 maneiras de formar o plural.

Jerusalém, 18 de fevereiro de 1900

Sabes, durante estas tardes chuvosas tenho andado a ler a história de Aladino só por gosto, sem um dicionário!... Estou convencida de que estes meses aqui [em Jerusalém] irão contribuir permanentemente para o prazer e o interesse do resto dos meus dias! Palavra de honra. Seja como for, ainda há imenso para fazer antes disso — portanto mãos à obra!

Ain Tulma, Palestina, 28 de fevereiro de 1900

E lá fui eu... com cinco meninos pedintes atrás de mim. Eram muito divertidos. Conversámos imenso durante todo o caminho para casa. É tão agradável conseguir compreender. As diferenças de pronúncia são algo intrigantes a princípio, para um estrangeiro. Existem dois Ks em árabe — as pessoas da cidade não empregam o K mais forte de maneira nenhuma e substituem-no por um gutural para o qual nós não temos equivalente; as pessoas do campo pronunciam o K mais forte de uma maneira mais doce e o K mais doce “ch”, mas pronunciam os guturais de uma forma belíssima e empregam imensas palavras que pertencem ao árabe mais clássico. Os Beduínos são os que falam melhor; pronunciam todas as letras e aproveitam todas as cambiantes de significado mais subtis das palavras.

Da sua tenda montada em Ayan Musa, 20 de março de 1900

Em menos de nada ficámos rodeados de árabes que nos venderam uma galinha e um coalho de leite maravilhoso, chamado “laban”. Enquanto regateávamos, as mulheres e as crianças deambulavam em redor, comendo erva, como as cabras. As mulheres não usam véus. Vestem um manto azul de algodão com cinco metros de comprimento, que enrolam à volta da cabeça e da cintura e que lhes dá pelos pés. Os seus rostos, da boca para baixo, estão tatuados com índigo e elas usam o cabelo preso em duas longas tranças, uma de cada lado... Os nossos cavalos e mulas foram peados e tratados. A Hanna trouxe-me uma chávena de chá excelente e, às 18h00, um belo jantar que consistiu numa sopa de arroz e azeite (muito boa!), um ensopado irlandês e umas passas de uva de Salt, uma oferta do Tarif. O meu acampamento fica mesmo no sopé do monte Piska. É incrível conseguir falar árabe!

25 de março de 1900

Eu... regresssei à minha tenda onde fui logo requisitada por uma menina pequenina turca, filha de um Efêndi, que me disse que a mãe se encontrava sentada na sombra do muro, um pouco mais abaixo do meu acampamento, e que estava a convidar-me para ir beber café. Fomos até lá de mãos dadas e deparei-me com imensas mulheres turcas sentadas no chão debaixo de uma figueira, por isso sentei-me também e ofereceram-me café enquanto todas menos uma conversavam em árabe; foi uma conversa muito animada.

Sobre os seus muleteiros drusos, 2 de abril de 1900

Ambos falam com a bonita e doce pronúncia cantarolada do Líbano. Tenho uma boa variedade de pronúncias comigo, pois o Tarif fala beduíno e a Hanna fala o verdadeiro dialeto de Jerusalém. Por vezes, recorrem a mim para saber qual está correto.

Haifa, Palestina, 7 de abril de 1902

O meu dia é assim: levanto-me às sete da manhã, às oito chega o Abu Nimrud para me ensinar árabe até às dez. Continuo a trabalhar até ao meio-dia, hora a que almoço. Depois treino o meu persa até mais ou menos à uma e meia, altura em que vou dar um passeio a cavalo ou a pé. Volto às cinco da tarde e trabalho até às sete da noite, hora a que janto. Às sete e meia aparece o meu persa e fica até às dez, e às dez e meia vou-me deitar. Não tenho muito tempo livre, como se vê! E passo o dia inteiro a falar árabe.